

DA CULTURA E OUTRAS JANELAS

1. Situar-se na cultura: procurar um lugar próprio, como quem diz: impossível estar quieto, não ver o que se nos mostra no écran permanente que os olhos fitam; dar um sentido ao que se vê, à confusão de fogos-fátuos, janelas semi-cerradas abrindo pouco a pouco para o outro lado das coisas, para as imagens sempre só entrevistas; conquistar um lugar próprio, construí-lo num lento e longo processo de crescimento. Lugar da cultura — lugar que se percorre no tempo que decorre, fixando imagens.

Mas o olhar é unívoco, e o objecto só é visível (dizível) numa das suas faces; por isso dominá-lo, vê-lo, possuir a sua verdade, são ilusões. O que se vê constrói uma memória, um fragmentado mundo de referências, que, para passar a ser de todos, exige a cumplicidade e o desejo de uma articulação com o corpus cultural.

2. A procura desta ligação entre sujeito e mundo, pela análise e a fixação do que dele se entende, é exemplarmente figurada em dois textos: “Contrariedades”, de Cesário Verde, e “Tabacaria”, de Álvaro de Campos.

2.1.a. Em “Contrariedades”, o sujeito senta-se à secretária (v.9.) disposto à escrita, depois de uma agitada série de movimentos, ditos anteriores ao momento presente: estes movimentos estão implícitos nos v. 1 e 2: “Eu hoje estou cruel, frenético, exigente;/Nem posso tolerar os livros mais bizarros”, e pode até saber-se que duraram o tempo de fumar “três maços de cigarros/Consecutivamente” (v. 3 e 4).

Mas, debatendo-se com uma “contrariedade” de ordem cultural — o conflito entre o tipo de textos que escreve e os que ‘oficialmente’ são aceites, quem diz Eu passa para o mundo através do que vê pela janela; desse lugar privilegiado são vistos dois planos do ‘real’ exterior: o da “engomadeira”, que é vista e ouvida (“Ouço-a cantarolar...”, v. 57), acerca de quem existe um saber anterior ao momento da escrita, revelado nos dados conhecidos da sua história; e o ‘real’-rua, com o seu movimento ouvido e imaginado (estrofe 8).

Em qualquer dos dois casos, é pela janela que se faz a transição para o exterior, e o entrecruzar deste com o mundo interior do quarto e de quem o habita; é a janela que acentua a presença do real e o seu efeito: da “contrariedade” individual de quem escreve passa-se à da “engomadeira” e a um perfil social — o mesmo, aliás, em que se



insere a recusa de um “folhetim de versos” (v. 20), motivo inicial do poema: Isto é: a transição entre os vários planos da consciência faz-se através de uma janela simbólica, que deixa de ser o lugar de onde se vê, para passar a ser o lugar onde se pensa (e escreve) sobre o que se vê; ou, se quisermos, o acto de ver tem uma sombra, um lado outro — ver é também conhecer e saber.

Ocultando quem vê (e sabe) sem ser visto, a janela figura assim o próprio sujeito como lugar da consciência.

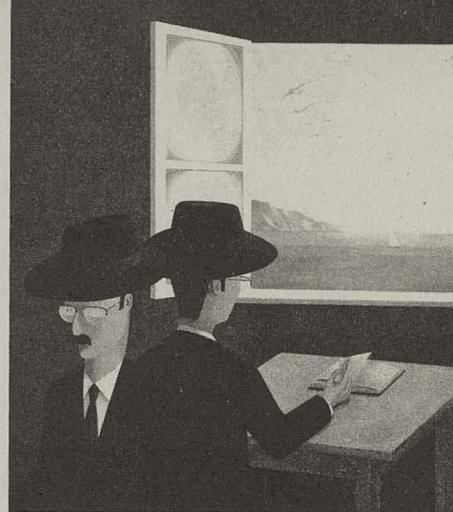
2.1.b. A “Tabacaria” de Álvaro de Campos herdou de Cesário esta dimensão simbólica da janela, mas complexificou-a, dando-lhe uma outra amplitude.

De facto, é através da janela “do meu quarto” (v. 5) que se articulam, a um primeiro nível, o exterior-mundo (rua, tabacaria e seu dono, Esteves “sem metafísica”) e o interior-quarto; mas logo tudo se complexifica, quando o interior se desdobra (ou se dobra?) em consciência, a do Eu ‘com metafísica’. Quer dizer, a janela não é mais uma transição entre dois espaços fisicamente delimitados (o exterior, que é visto e se reflecte em quem o vê, e o interior, reservado à abertura para os dois horizontes da viagem mental), mas aquilo que no texto marca a con-fusão desses planos; por isso, aliás, a janela é explicitamente utilizada em sentido metafórico: “a aprendizagem que me deram, / descendi dela pela janela das traseiras da casa” (v. 26-27). Entre a “coisa real por fora” (v. 23) e a “coisa real por dentro” (v. 24) interpõe-se, pois, uma lente transfiguradora, a da consciência do Eu em situação de escrita.

A escrita, aliás dita “pórtico partido para o Impossível” (v. 82), é, assim, como uma janela aberta sobre uma simbólica “rua inacessível a todos os pensamentos” (v. 9), que parece ser um argumento mais a ajudar ao fechamento no interior do Eu. Todo o processo de clivagem dos níveis de conhecimento se faz, em “Tabacaria”, pela interposição de janelas entre o sujeito e os vários impossíveis. Saliente-se, nesta série de lentes separadoras/deformadoras, a própria imagem do lugar que, no corpo, permite ver o exterior: rua e consciência são vistas pelo olho, janela que filtra imagens e as fixa no subtil écran da memória.

2.2. Neste limiar entre dois espaços, que a janela aproxima e separa num paradoxo sem fim, se situa o sujeito, permanentemente dividido entre a “lealdade” que deve a uma qualquer “tabacaria de defronte”, e a que deve a esse lugar-outro que o Eu vem sendo, no seu processo estruturante. Rua e quarto, real e ficção alternam assim no movimento de vai-vem entre o encerramento no interior materno e acolhedor de uma casa-consciência, e o dispersar-se no exterior povoado de “contrariedades”; estas, aliás, acabarão sempre por reverter para o interior mais fundo do sujeito, o que é bem visível na presença, em Cesário como em Campos (e em Pessoa de modo geral), do tema da viagem.

No entanto, só a imaginação parte; o corpo, esse, limita-se ao percurso entre a secretária e a janela, ou ao das ruas de uma cidade que acaba nos “cais a que se atacam botes” (“O Sentimento dum Ocidental”, I, estrofe 5) — manifestamente inadequados à dimensão mítica desta Viagem.



3. Perceber o mundo, e, nele, a cultura, é assim começar por saber que o vemos através de uma lente, a da memória, e de um écran, o da consciência; e é saber que ambos deformam as coisas ao ritmo da luz que se projecta, ao fluxo do desejo que, com ela, se desoculta.

Neste jogo de imagens cruzadas, de sombras e de luzes, o lugar em que se situa aquilo a que chamamos cultura é, necessariamente, precário — tanto, pelo menos, como o do sujeito que se atribui o poder de dela falar. Procurar um lugar próprio é, pois, saber que olhar um objecto é vir habitá-lo, e a partir daí dispor-se ao percurso iniciático dentro da casa que ele é: dispor-se a entrar em cada quarto, a chegar a cada janela, afastando a cortina, descobrindo o fecho, para, enfim, a abrir, e, apoiando-se no parapeito, ver — e até correr o risco de se debruçar, aumentando o perigo, alargando o horizonte.

Paris, Janeiro 1982

A seguir,
trabalho de FERNANDO CARDOSO



LIVRARIA VEGA

UM ESPAÇO ABERTO À CULTURA

Livros técnicos e científicos
nacionais e estrangeiros, li-
vros infantis e escolares,
jogos didácticos e educativos.

**PROCURE-NOS.
TEMOS PARA SI
OUTRAS INFORMAÇÕES
QUE O PODERÃO INTERESSAR**

Rua Jorge Ferreira de Vasconcelos, 8
1700 LISBOA (A Entrecampos) — Tel. 73 00 75